

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: PRINCIPAIS MOTIVOS DE EVASÃO, POR ONDE O RACISMO PERMEIA.

LAUREN BARBOSA ANTUNES¹; GEORGINA HELENA LIMA NUNES²

¹Universidade Federal de Pelotas – FaE – laurenbarbosaantunes@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – FaE – geohelena@yahoo.com.br (Orientadora)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla realizada em vinte e cinco comunidades quilombolas de quatro municípios do sul do Rio Grande do sul, mais precisamente nos municípios de Canguçu, Pelotas, Piratini e São Lourenço do Sul que tem por objetivo apreender, analisar e quantificar os aspectos relacionados à escolaridade dos pertencentes a essas comunidades; a mesma é parte do Programa de Extensão “Formação Docente e Políticas Educacionais para Quilombos: Continuidades e Perspectivas”, financiado pelo Programa de Extensão do Ministério de Educação e Cultura (PROEXT/MEC) e executado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) no ano de 2012 que se encontra na fase final de coleta de dados.

Neste texto, mais precisamente, tratamos as questões acerca da evasão escolar e elencamos quais são os principais motivos que geraram esse fenômeno, assim como reflexões acerca de outros aspectos encontrados na pesquisa, relacionando-os com pressupostos contidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica de modo a identificar elementos que poderiam elucidar tal processo de afastamento da vida escolar. Estes dados referem-se a pessoas com idade superior a 18 anos cuja obrigatoriedade de estar frequentando a escola inexistente segundo preceitos legais da legislação educacional brasileira. Há um fato que se agrega a todos os outros _ de ordem estrutural, pessoal e didático _ que é o dado do racismo, conceituado por Joel Rufino como:

a suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização bio-genética de fenômenos puramente sociais e culturais. E também uma modalidade de dominação ou, antes, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie. Ignorância e interesses combinados, como se vê (SANTOS, 1990, p. 12)

Conceito esse que acompanhou a trajetória escolar dos mais velhos e ainda tira os jovens estudantes da escola; tal dado, não é explicitado diretamente, mas perpassa as falas dos quilombolas, o que nos faz concluir que causa marcas na trajetória de escolarização dos mesmos.

2. METODOLOGIA

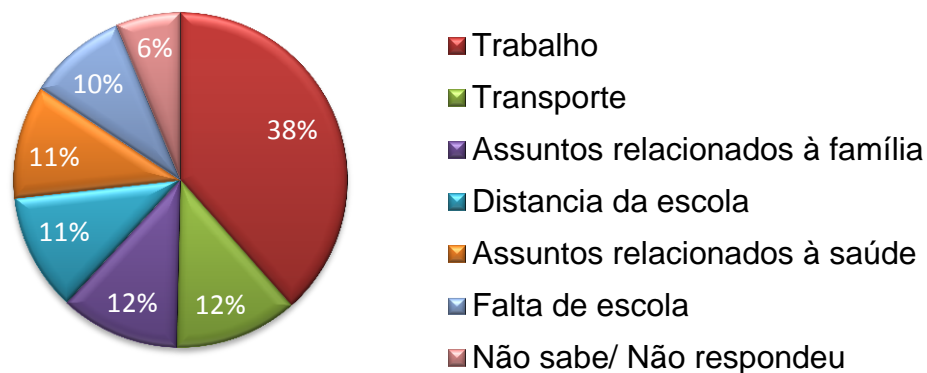
A pesquisa utilizou como técnica para coleta de dados um questionário objetivo e entrevistas semiestruturadas onde buscamos conhecer um pouco da realidade escolar dos quilombolas da região sul do Rio Grande do Sul. Durante as saídas de campo buscamos perceber dados sobre a escolarização e vida escolar dos sujeitos assim como os aspectos mais amplos nas narrativas acerca do tempo de escola

contados durante as conversas coletivas de onde extraímos alguns dos resultados preliminares que apresentamos nesse trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Temos na pesquisa, um universo de treze comunidades, são elas: Alto do Caixão, Faxinal, Favila, Fazenda da Cachoeira, Iguatemi, Maçambique, Manoel do Rego, Monjolo, Paço do Lourenço, Picada, Potreiro Grande, Rincão das Almas e Rincão do Couro que correspondem a oitocentos e sessenta pessoas dos quatro municípios já mencionados que apontam alguns indicativos acerca das razões para o abandono da escola; no gráfico abaixo podemos visualiza-las:

MOTIVOS DA EVASÃO ESCOLAR QUILOMBOLA



Desse total de sujeitos percebemos que o motivo mais relatado é o **trabalho**, cerca de 38% dos pesquisados atribuem a saída da escola à necessidade de trabalhar em atividades rurais na intenção de contribuir para o sustento familiar. Ao longo da conversa com os entrevistados notamos que esse motivo se dá também pela falta de adaptação da escola aos períodos de maior trabalho para as comunidades, como períodos de plantio e de colheita. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, tem orientações para essas escolas:

Art.11 as instituições de ensino deverão adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas, econômicas e socioculturais, à critério do respectivo sistema de ensino e do projeto-político pedagógico da escola, sem com isso reduzir o número de horas letivas previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)

O segundo motivo mais relatado são os **assuntos relacionados à família**, cuidar dos/as irmãos/as, casamento, tarefas domésticas determinadas por sexo, ou seja, fica bem claro na fala dos quilombolas que as tarefas são divididas em tarefas de homens e tarefas e mulheres, nesse aspecto vemos que 12% dos entrevistados apontaram o motivo da não continuidade dos estudos para assuntos relacionados a família, na maioria dos casos da formação de uma nova família, ou seja, o casamento: *“Sabe não é, a gente casa, aí vem o marido, a casa, os filhos, o trabalho e a gente não pode mais estudar”*. (Dona Eva, 54 anos. CRQ Rincão das Almas, São Lourenço do Sul)

Outro aspecto que também soma 12%, é o **transporte**, motivo que se agrega também à questão da **distância da escola** que é um outro dado e é apontado por 11% dos entrevistados. As escolas de níveis educacionais mais avançados ficavam

muito distantes das Comunidades quilombolas que se localizam, a maioria das vezes, na zona rural, ou seja, os estudantes estudavam até a série que a escola oferecia, na maioria até a 4ª série do Ensino Fundamental e depois abandonava os estudos pois a escola que atendia as séries mais elevadas ficavam distantes, geralmente na zona urbana da cidade; como o transporte não era oferecido pelos órgãos públicos a escolha era deixar a escola, na medida em que os gastos com transportes eram maiores do que a família poderia arcar. Hoje, ainda algumas comunidades quilombolas enfrentam a falta de transporte, ou transporte insatisfatório em termos de horário e distância das residências o que dificulta a presença das crianças na escola em dias de chuva, por exemplo. Porém, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola já regulamenta questões relacionadas ao transporte, como vemos no Art. 28:

Art. 28 Quando se fizer necessária a adoção do transporte escolar no Ensino Fundamental, Ensino Médio, integrado ou não à Educação Profissional Técnica, e na Educação de Jovens e Adultos devem ser considerados o menor tempo possível no percurso residência-escola e a garantia de transporte intracampo dos estudantes quilombolas, em condições adequadas de segurança.

Junto a esses dois motivos agregamos um terceiro que é encontrado na fala de 10% dos entrevistados que é **a falta de escolas** na zona rural de níveis médio, o que dificulta em muito a continuidade dos estudos.

É possível notar que todos os motivos elencados estão interligados e, parcialmente, se observa que na atualidade muitos desses problemas, principalmente, de ordem estrutural se repetem com jovens e crianças agregado, também, à persistência de atitudes racistas no contexto escolar. Na fala dos quilombolas podemos notar, muitas vezes, que depois de nos dizer algum dos motivos citados acima vem falas como: *“Ah tinha muita briga na escola, eu fui chamada umas dez vezes pela diretora, até que decidi não levar mais!”* (Dona Tereza Crespo CRQ Picada, São Lourenço do Sul) Quando questionada sobre o motivo de tantas brigas na escola ela responde: *“Ah! Por que chamavam ele de preto, tição, essas coisas e ele não gostava, né?”* (Dona Tereza Crespo, CRQ Picada, São Lourenço do Sul). Em muitas entrevistas, falas semelhantes a essas foram encontradas, e o que percebemos é que não há, por conta da escola, uma didática, rotina, currículo ou projeto que valorize a história dos negros quilombolas na escola, o que dificulta a sensação de pertencimento dos sujeitos estudantes nesse espaço, fazendo com que as possibilidades de evasão, inevitavelmente, aconteçam. O racismo na escola acontece de várias formas, como por exemplo, na *“negação das tradições africanas e afro-brasileiras, dos nossos costumes, negação da nossa filosofia de vida, da nossa posição no mundo... da nossa humanidade.”* (CAVALLEIRO, p.7 2001). E também nas formas mais explícitas e cruéis como xingamentos, ofensas, *“brincadeiras”* com a cor, cabelo ou outra característica física, feitas pelos colegas e pelos professores/funcionários das escolas. Há, por fim, outra forma de racismo na escola, uma forma um tanto quanto sutil e subjetiva que são os livros didáticos e de literatura infantil que dificilmente trazem o protagonismo negro e quando o trazem são carregados de concepções estereotipadas que na grande parte das vezes apresenta uma imagem inferiorizada em relação ao segmento étnico de cor branca. (SILVA, p.23, 2005)

Talvez a escola só se faça lugar de encontro dos sujeitos, quando se perceber para tal função, sobre isso CAVALLEIRO E HENRIQUES, nos dizem:

a escola que superará o racismo há de ser uma escola que saiba, sobretudo, aprender e relacionar-se com o mundo de possibilidades que a sociabilidade negra criou, seja nas mais de quatro mil comunidades quilombolas conhecidas, seja na música urbana de um compositor como Martinho da Vila. (p.12, 2005)

4. CONCLUSÕES

Nosso objetivo nessa pesquisa foi, justamente, de levantar dados para que, uma vez sistematizados, sirvam de documento reivindicatório junto à organização quilombola que, permanentemente está a dialogar junto às autoridades competentes para a resolução desses problemas cuja existência e resolução estão apontados nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola. Também buscávamos problematizar essas questões, para entender como se deu, historicamente a formação escolar dessas comunidades. Além de buscar entendimento de como a escola se coloca para a efetivação de uma educação antirracista, como explicam CAVALLEIRO E HENRIQUES:

As chances de a escola ser um núcleo de resistência e de abrigo contra a violência racial dependem de uma completa virada de jogo. A violência racial na escola ainda não é computada como exercício de violência real. Na verdade, uma obra sobre a superação do racismo na escola será sempre um libelo contra uma das mais perversas formas de violência perpetradas cotidianamente na sociedade brasileira. (p.13, 2005)

O Programa de Extensão que tem duração de três anos, ainda está em fase de coleta de dados, mas ao mesmo tempo já estamos quantificando e problematizando os resultados encontrados nas pesquisas de modo a contribuir para com a subversão dos índices que apontam as comunidades quilombolas como os contextos cujas perspectivas educativas estão muito mais presentes na maneira como, sabiamente, subvertem a ausência de investimento público do que do usufruto de direitos, enfim, da possibilidade de vivenciar uma cidadania de fato.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. MEC/CNE/CEB, 2012.
- CAVALLEIRO, E. (Org.) **Racismo e anti –racismo na educação- repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.
- HENRIQUES, R. e CAVALLEIRO, E. Prefácio à 2ª Edição. In: MUNANGA, K.(Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Pref. p. 11-13.
- SANTOS, J. R. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SILVA, A. C. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, K.(Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Cap.1, p. 21-37.